

Projeto de extensão para educação midiática e crítica de jornalismo

Extension project for mediatic education
and journalism criticism

Proyecto de extensión para educación
mediática y crítica de periodismo

Recebido em: 31/05/2019

Aceito em: 21/08/2019

RESUMO

Este relato de experiência tem como objetivo apresentar e analisar a execução pedagógica do projeto de extensão "Educação para crítica de mídia nas escolas públicas". Desenvolvida pelo Observatório da Ética Jornalística (objETHOS/UFSC), a iniciativa visa colaborar com a formação do pensamento crítico de estudantes da região metropolitana de Florianópolis/SC acerca da mídia jornalística. A metodologia de ensino e aprendizagem empregada tem como referência teórica o conceito de diálogo em Paulo Freire (2011). Como resultados principais, identificamos a aceitação positiva do projeto por parte das/os alunas/os e a necessidade de readequação para torná-lo mais participativo.

PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo. Crítica de mídia. Educação. Extensão.

ABSTRACT

This experience report has the objective to present and analyze the execution of the pedagogical extension project "Educação para crítica de mídia nas escolas públicas". Developed by the Observatório da Ética Jornalística (objETHOS/UFSC), this initiative collaborates with the generation of critical thinking of schools students of the metropolitan region of Florianópolis/SC about the journalistic media. The methodology of teaching and learning adopted has as theoretical reference the concept of dialogue in Paulo Freire (2011). As main results, we identified the students positive acceptance of the project and the need of readjustments to increase their participation.

KEYWORDS

Journalism. Media criticism. Education. Extension.

RESUMEN

Este relato de experiencia ten como objetivo presentar y analizar la ejecución pedagógica del proyecto de extensión "Educação para crítica de mídia nas escolas públicas". Desarrollada por el Observatório da Ética Jornalística (objETHOS/UFSC), la iniciativa busca colaborar con la formación de lo pensamiento crítico de estudiantes da la región metropolitana de Florianópolis/SC acerca de las informaciones veiculadas en periódicos. La metodología de ensino y aprendizaje empleada tiene como referencia teórica el concepto de diálogo en Paulo Freire (2011). Como principales resultados, identificamos la aceptación positiva de lo proyecto por parte de las/os estudiantes y la necesidad de readecuación para hacerlo más participativo.

PALABRAS CLAVE

Periodismo. Crítica de los media. Educación. Extensión.



Gabriela Braga Schander

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Bolsista CAPES.

gabischander@gmail.com

Juliana Freire Bezerra

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFSC. Bolsista CAPES.

juliana_freire6@hotmail.com

Samuel Pantoja Lima

Doutor, professor do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo e da Graduação em Jornalismo da UFSC.

samuca13@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

A interpretação crítica sobre a atuação da mídia jornalística ocupa uma posição relevante no enfrentamento das disputas pelo poder político nas sociedades democráticas. Endossando este entendimento, a teoria crítica acadêmica realizada por estudiosos da Escola de Frankfurt desde a década de 1920 foi fundamental para relacionar a mídia à tríade manipulação, poder e cultura dominante. As produções destes teóricos articularam o tom das análises críticas que se desdobraram sobretudo até a década de 1990.

No contexto atual, angariam relevância os estudos interessados em observar não só os limites, mas também as possibilidades da mídia jornalística em relação à democracia (GENRO FILHO, 1987; GOMES; MAIA, 2008). Isso se explica não só pela concepção de que o jornalismo apresenta potencialidades as quais é possível conferir visibilidade a assuntos importantes a serem problematizados na esfera pública, como também pelo relacionamento que atualmente estabelece com a sociedade. É que em um contexto de comunicação social marcado pela maior horizontalidade das possibilidades de produção e veiculação de conteúdos simbólicos, ainda que ressalvadas as diferenças de poder de fala, audiência e alcance, o entendimento da mídia jornalística como mera manipuladora se configura insuficiente para tratar novas questões que a envolvem.

Em busca de uma abordagem menos maniqueísta, os estudos de crítica de mídia podem desvelar, ao mesmo tempo, o viés manipulador consonante com os interesses hegemônicos do jornalismo convencional, bem como o potencial transformador da produção jornalística (GENRO FILHO, 1987). Um exemplo desta última possibilidade se verifica quando a mídia jornalística convencional viabiliza o debate público acerca de perspectivas mais pluralistas de entendimento do mundo demandadas por um público cada vez mais articulado em redes online (VIZEU; ROCHA; MESQUITA, 2010). Afora isto, a mídia independente, com alcance amplo via internet, também pressiona a convencional na disputa por validação de narrativas que endossam as lutas por reconhecimento e a democratização social encampadas pelas minorias políticas, ainda que limitada em termos de abrangência e poder político.

Em meio a esta conjuntura, ainda é preciso repensar o lugar comum que intersecciona os diferentes tipos de jornalismo e os distingue da proliferação massiva de

conteúdos falsos que muitas sociedades democráticas estão enfrentando recentemente. É válido salientar que, contrariando ao que as hipóteses mais otimistas apontavam sobre a possibilidade de maior esclarecimento em sociedades conectadas em redes, a hiperinformação tem propiciado um cenário fértil para a difusão da desinformação (ESTEVÃO; FARIAS, 2018). Isto culmina em um enfraquecimento da democracia, haja vista que o acesso à informação é fundamental para as ações e decisões das/os cidadãs/ãos.

Diante do exposto, com o objetivo de compreender a atuação da mídia jornalística neste quadro complexo, produções de crítica de mídia que articulem a discussão envolvendo jornalismo, sociedade em redes e disputas políticas se mostram ainda mais necessárias para as sociedades democráticas do que foram outrora. Isso porque a crítica de mídia favorece o estabelecimento de um duplo movimento necessário ao contexto contemporâneo mundial, a saber: a) a autocrítica - por parte das mídias jornalísticas - no aperfeiçoamento de sua atuação em uma sociedade atingida por um alto fluxo de informações advindo de múltiplas fontes e b) a leitura mais crítica e consciente acerca do jornalismo e de outros produtores sociais de sentido por parte das/os cidadãs/ãos. Sobre este último ponto, é importante destacar que iniciativas de literacia crítica acerca do jornalismo e da mídia em geral vêm despontando no mundo como um caminho de minimização dos impactos dos conteúdos falsos. Como veiculado em reportagem pela CNN¹, na Finlândia, por exemplo, desde 2016 – ano em que o currículo pedagógico² do pensamento crítico foi revisado -, crianças e adolescentes são ensinadas/os ainda nas escolas como diferenciar conteúdos jornalísticos verazes dos fraudulentos. Oficinas de checagem de fatos também são ofertadas nesses espaços como mecanismo educativo

¹MACKINTOSH, Eliza. *Finland is winning the war on fake news. What it's learned may be crucial to Western democracy*. Disponível em: <https://edition.cnn.com/interactive/2019/05/europe/finland-fake-news-intl/?fbclid=IwAR2qi_tbrCQeOXwEC7g8mxX0F2RjODDN9CLgfmRqBkBhDNhaf0FSL-yygDc> Acesso em: 1 mai. 2019.

²A Finlândia, país que ocupa há anos os primeiros lugares do ranking do Pisa (teste internacional que avalia conhecimentos em Matemática, Leitura e Ciências), reformulou seu currículo pedagógico obrigatório em agosto de 2016 para incluir perspectivas de ensino e aprendizagem mais colaborativas e que estimulem o pensamento crítico. O objetivo é capacitar crianças e adolescentes a enfrentarem os problemas do século XXI, tais como as notícias falsas.

para a leitura crítica da mídia, demonstrando a preocupação em promover um cerceamento da disseminação de conteúdos falsos.

No Brasil, vinculado à Rede Nacional de Observatórios de Imprensa (Renoi), o Observatório da Ética Jornalística (objETHOS) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) também busca empreender iniciativas sociais de leitura crítica de mídia além das fronteiras acadêmicas. Por meio do projeto de extensão “Educação para crítica de mídia nas escolas públicas”, uma equipe formada por pesquisadoras/es e professores de Jornalismo da UFSC promove encontros mensais de 2h/aula por semestre com estudantes de ensino médio de escolas públicas da região metropolitana de Florianópolis, em Santa Catarina (SC), para discutir questões relacionadas à produção jornalística. O intuito é estimular a reflexão crítica acerca do processo produtivo dos conteúdos noticiosos em sua inter-relação com a sociedade e a política.

Buscando relatar esta experiência pedagógica, apresentamos a perspectiva de crítica de mídia adotada e o modo como foi idealizado e posto em prática o projeto desde 2017. O planejamento de ensino e aprendizagem empregado antes, durante e após os encontros com as/os adolescentes é ainda descrito detalhadamente. Além disto, apresentamos uma leitura dos dois questionários que aplicamos junto às/aos estudantes no início (diagnóstico) e no fim (avaliativo) do semestre. Por meio deste estudo, visamos compreender o perfil das turmas com as quais trabalhamos e o desempenho do projeto pela ótica das/os alunas/os.

Uma parte dos resultados relacionados a esses questionários é aferida com base na quantificação das informações objetivas preenchidas pelas/os alunas/os. A outra, que envolve respostas abertas, é avaliada qualitativamente por meio do emprego de uma abordagem baseada na metodologia de Análise de Conteúdo de Bardin (2011) que visamos detalhar em produções acadêmicas posteriores³. A combinação da avaliação quantitativa à qualitativa é utilizada para que possamos ter parâmetros consistentes a fim de aperfeiçoar o projeto de extensão.

³Outra possibilidade de abordagem analítica, a qual não foi empregada neste relato para análise dos questionários, mas que é cabível como opção para integrar posteriores estudos é a Análise de Enquadramento como designada por Silva e França (2017).

2 CRÍTICA DE MÍDIA

A mídia, assim como atribui significados aos acontecimentos noticiados para estabelecer formas socialmente aceitas de entender o mundo e agir sobre ele, também sofre influência dos valores sociais circulantes em cada cultura (SILVA; FRANÇA, 2017). Entender, portanto, este processo de mútua-afetação pressupõe o esforço de realizar uma dupla leitura: a do mundo social em que vivemos e a das palavras utilizadas para significar este mundo (FREIRE, 2011).

O entendimento que o projeto “Educação para crítica de mídia nas escolas públicas” adota sobre o que é a crítica de mídia e de como ela deve ser realizada segue similar perspectiva. A partir da apreensão de que a crítica sobre o jornalismo não pode ser apartada da crítica aos valores sociais que o perpassam, a estratégia que guia como é discutida a atuação jornalística se configura pela escolha de temáticas a serem tratadas em cada encontro com as/os estudantes. Assim, busca-se promover uma dupla discussão: sobre como o jornalismo aborda determinada temática e como esta tem sido discutida em sociedade.

Para tanto, é preciso enfatizar que a escolha por realizar a crítica de mídia desta forma torna ainda mais necessária a assimilação a respeito do ecossistema jornalístico. Tal esforço é fundamental para entender como este fomenta valores e demandas sociais e vice-versa (SILVA; FRANÇA, 2017). Neste sentido, Marques de Melo (1985) argumenta que projetos educativos de crítica de mídia devem:

[...] oferecer dados elementares sobre a engrenagem dos meios de comunicação, de modo a desmistificar os estratagemas construídos para criar uma imagem de instâncias neutras, objetivas, a serviço do bem comum. E ao mesmo tempo alimentar a compreensão das entrelinhas das suas mensagens, desnudando intenções sub-reptícias que perpassam os signos empregados na sua explicitação, fazendo interligações de nexos aparentemente autônomos, articulando visões atomizadas que na sua desordem buscam confundir, despistar, distorcer (MARQUES DE MELO, 1985, p.11).

A partir da síntese destas necessidades de decodificação crítica do jornalismo, buscamos com o projeto desnudar o processo de produção jornalística e de significa-

ção dos acontecimentos em sua inter-relação com a sociedade e a política. Esta perspectiva conduz aos primeiros procedimentos das/os pesquisadoras/es, a saber: seleção da cobertura noticiosa que será debatida em cada encontro com as/os estudantes, quais especificidades de produção jornalística serão tratadas e como esta será relacionada à discussão social sobre a temática.

Em sala de aula, a realização da leitura de crítica do jornalismo a partir deste material conduz ao que Braga (2006) denomina como crítica de mídia “social-popular”. Esta se refere a redes sociais difusas de leitura e interpretação de mídia como projetos de extensão com este fim ou cartas de leitor, por exemplo. O autor ainda classifica outras duas fontes de abordagem analítica acerca da mídia: a “acadêmico-científico” e a “jornalística”. Ambas são categorizadas como críticas especializadas por se configurarem como análises mais sistematizadas acerca da mídia. Para além da crítica de mídia “social-popular”, o projeto também realiza a “acadêmico-científica” ao produzir artigos que sistematizam as intervenções das/os alunas/os e analisam as coberturas noticiosas as quais foram abordadas em sala de aula.

Para tanto, as/os pesquisadoras/es buscam, em ambos os casos de crítica de mídia (“social-popular” e “acadêmico-científica”), não realizar conclusões generalizantes sobre o jornalismo e/ou sobre a percepção social das/os adolescentes em relação a este. Buscamos, sobretudo, atentar-nos para os conteúdos específicos produzidos a fim de analisá-los singularmente em conexão com seu contexto histórico (BRAGA, 2006). Para Silva e Soares (2013), esta abordagem de análise não afasta as notícias (nem as opiniões sociais) da totalidade do fenômeno midiático (ou jornalístico, neste caso). Ao contrário: ajuda a entendê-lo a partir da acumulação de análises singulares.

Visando sistematizar como realizamos a crítica de mídia no projeto de extensão aqui citado, categorizamos quais abordagens aferimos em duas etapas: a) na etapa de pré-produção e realização das rodas de conversas (“crítica social-popular”) e b) na elaboração de análises acadêmicas sobre o projeto (“crítica acadêmico-científica”). Interessante ressaltar que esta divisão se dá apenas para fins didáticos, haja vista que no processo pedagógico as etapas se afetam mutuamente no duplo caminho da prática e da reflexão.

2.1 O PROJETO “EDUCAÇÃO PARA CRÍTICA DE MÍDIA NAS ESCOLAS PÚBLICAS”

Com idealização proposta no primeiro semestre de 2017 pelo grupo de pesquisa objETHOS/UFSC, o projeto de extensão “Educação para crítica de mídia nas escolas públicas” teve como referência inicial o texto publicado no Observatório da Imprensa⁴ pela jornalista e pesquisadora Angela Pimenta, a qual realiza uma análise sobre o trabalho da britânica Claire Wardle, fundadora da ONG *First Draft News*. Essa iniciativa liderada por Wardle tem o objetivo de elaborar diretrizes éticas e ajudar a construir possíveis ferramentas para o compartilhamento de informações e auxílio da produção jornalística no meio digital. Como uma das conclusões do estudo desenvolvido pela ONG aponta-se a educação midiática para crianças e adolescentes como tarefa urgente com resultados a médio e longo prazo no enfrentamento ao fenômeno da desinformação.

Consonante com esta aspiração, o projeto foi planejado com base na pedagogia de Paulo Freire (2011) para ser aplicado com estudantes da rede pública de ensino na região da Grande Florianópolis/SC. A preocupação em estimular a comunicação e a reflexão coletiva para a construção do pensamento crítico sobre o jornalismo e sua relação intrínseca com os problemas sociais permeou a elaboração de nossas estratégias de ensino e aprendizagem. Nesse sentido, o conceito de diálogo é adotado como norte teórico:

Dialogar não significa invadir, manipular ou “fazer slogans”. Trata-se, isto sim, de um devotamento permanente à causa da transformação da realidade. [...] O diálogo é o encontro de amor de pessoas que, mediadas pelo mundo, “proclamam” esse mundo. Elas transformam o mundo e, ao transformá-lo, o humanizam para todos (FREIRE, 1971 apud LIMA, 2011, p.90).

A partir da seleção dessa abordagem teórica, demos início ao projeto entrando em contato com a Coordenadoria Regional de Ensino da Grande Florianópolis, órgão

⁴PIMENTA, Angela. Claire Wardle: combater a desinformação é como varrer as ruas. Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/credibilidade/claire-wardle-combater-desinformacao-e-como-varrer-as-ruas/>>. Acesso em: 4 mai. 2019.

ligado à Secretaria de Educação de Santa Catarina. Por meio dessa parceria, foi possível estabelecer comunicação com as/os gestoras/es das escolas interessadas. Desde o segundo semestre de 2017 - data de início da execução do projeto - sete escolas e 330 estudantes foram contempladas/os nos municípios de Florianópolis, Santo Amaro de Imperatriz, Palhoça e São José. O projeto conta, ainda, com a pretensão de expandir a proposta para todas as escolas de ensino médio no estado até 2027. Para tanto, será necessário passar por um processo de planejamento a fim de que se busquem estratégias de financiamento público ou privado. Mecanismos de aperfeiçoamento pedagógico estão sendo discutidos para estas intenções a partir da autocrítica que realizamos nas reuniões do projeto e das reflexões acadêmicas⁵ que produzimos.

3 CRÍTICA DE MÍDIA SOCIAL-POPULAR NO PLANEJAMENTO E EXECUÇÃO DO PROJETO

O projeto aqui apresentado abrange como parâmetro metodológico de ensino e aprendizagem a perspectiva dialógica freiriana de educação popular. Esta se fundamenta por dois conceitos primordiais para Paulo Freire (2011): diálogo e práxis. O primeiro diz respeito ao processo de construção do conhecimento que deve ocorrer por meio da comunicação dialógica entre educadoras/es e educandas/os. O segundo compreende que este processo dialógico deve adotar como ponto de partida e chegada da reflexão coletiva em sala de aula a realidade concreta vivenciada pelas/os envolvidas/os no processo. Da junção destes dois conceitos, os quais apresentam como pano de fundo uma perspectiva progressista de pedagogia, Paulo Freire formulou as bases teórico-metodológicas do que chamou de "Educação Libertadora".

Libertadora porque, por meio do diálogo e da práxis, tem a pretensão de estimular as/os educandas/os a pensarem por si e, ao mesmo tempo, coletivamente sobre os problemas sociais que lhes afligem. Também porque possibilita aos seres em diálogo perceberem que muitas privações que enfrentam individualmente são de ordem social

⁵Até o momento, dois artigos científicos foram escritos sobre o projeto, a saber: "Educação midiática e *fake news*: reflexões preliminares do projeto desenvolvido pelo Observatório da Ética Jornalística", apresentado no V Congresso de Literacia, Media e Cidadania em maio de 2019; e "A crítica da cobertura jornalística sobre violência de gênero", a ser apresentado em junho de 2019 no XX Congresso de Ciências da Comunicação na região Sul.

e poderiam ser solucionadas coletivamente por meio da política. Ainda, por incitar questionamentos aos saberes que ancoram práticas sociais de dominação.

O teórico endossa tal perspectiva de ensino e aprendizagem tecendo, simultaneamente, uma crítica ao modelo convencional pedagógico a qual se embasa no método transmissivo, abstrato e vertical de saberes. De acordo com o autor, inserida/o numa sala de aula em que apenas a/o professor/a tem direito à fala (método não-dialógico) e em que o conteúdo transmitido estabelece pouca relação com seu contexto social (método não-praxiológico), a/o educanda/o tem sua formação crítica bloqueada em vez de estimulada. Esta metodologia de ensino promove consequentemente, segundo Freire (2011), a aquisição de um conhecimento ingênuo (não crítico e reflexivo). Na busca pela promoção da superação de um saber ingênuo para um saber crítico, Freire (2011) salienta que as/os educadoras/es devem repensar seu papel em sala de aula e como enxergam as/os educandas/os. Para além de um/a mera/o transmissor/a de saberes, a esta/e educador/a promotor/a do diálogo, cabe ocupar o papel de mediador/a do processo de construção coletiva do conhecimento. Em decorrência disto, é incumbido a ela/e também compreender as/os estudantes como pessoas dotadas de bagagem cultural, saberes próprios e de experiências de vida, com as/os quais pode estabelecer uma troca dialógica que gere uma reflexão coletiva.

166

Ao dispor como horizonte desta perspectiva de educação, a equipe do projeto formula suas estratégias de ensino e aprendizagem de leitura crítica do jornalismo junto às/aos estudantes mesclando o diálogo e a práxis. Uma delas refere-se à escolha dos temas a serem discutidos em sala de aula, a qual privilegia a opinião das/os alunas/os. Isto se dá pelo preenchimento de questionário⁶ ofertado pelas/os pesquisadoras/es no primeiro dos quatro encontros do semestre. Desta forma, em cada encontro seguinte procuramos realizar uma crítica de mídia “social-popular” sobre o jornalismo a partir da reflexão de como se configura a cobertura deste acerca de um dos três problemas preferenciais escolhidos em cada escola (práxis).

⁶Após o primeiro encontro os questionários são analisados pelas/os pesquisadoras/es para realizar o “ranqueamento” dos principais temas que as/os estudantes sugeriram. A escolha da temática pela equipe se dá apenas previamente ao primeiro encontro, haja vista que neste momento os questionários ainda não foram aplicados.

Na procura por fomentar este processo de educação emancipadora, em vez de palestras privilegiamos a metodologia das rodas de conversa com as/os estudantes. Previamente a estas, realizamos reuniões internas entre o grupo para o planejamento do próximo encontro. Também iniciamos a pré-produção do material, em que há elaboração do vídeo (ou recuperação de produções anteriores, em geral realizadas por estudantes do curso de Jornalismo da UFSC) e a escolha dos conteúdos jornalísticos que serão apresentados em sala de aula.

Cada encontro funciona da seguinte maneira: primeiramente introduzimos o assunto que será abordado, de acordo com as temáticas mais solicitadas pelas/os alunas/os. Após há exibição do vídeo produzido, com duração média de dez minutos. Nestes vídeos são entrevistadas/os especialistas e pesquisadoras/es nas temáticas que estão sendo propostas, combinando as falas às manchetes e aos trechos de materiais jornalísticos vinculados ao tema. Depois deste momento introdutório começamos a provocá-las/os acerca das percepções sobre as falas das/os entrevistadas/os. Junto a isso, passamos a reproduzir os conteúdos jornalísticos que foram selecionados para discussão. O objetivo é que, conjuntamente, estudantes e pesquisadoras/es possam realizar uma dupla leitura dialogada: a) sobre a temática noticiada e b) sobre como o jornalismo significa a temática na interpretação dos acontecimentos.

Neste esforço de ler o mundo e a palavra, o modo como o jornalismo angula determinados acontecimentos, quais termos utiliza, quais fontes estão em disputa, etc., são evidenciados e problematizados durante os encontros. Após o encerramento das atividades são feitas reuniões internas entre o grupo para avaliação e autocrítica do último encontro e para elaboração do seguinte. Esse processo avaliativo se expande principalmente após o primeiro encontro de cada semestre, em que há possibilidade de leitura do questionário diagnóstico aplicado⁷.

⁷O questionário intitulado "Interesses e percepções sobre jornalismo" é composto por nove perguntas, sendo sete abertas: escola, gênero, turma, idade, o que é jornalismo, quais são as informações jornalísticas que mais atraem a atenção, quais temas gostaria que fossem tratados pelo projeto e duas fechadas: qual forma de acesso a informações e como avalia o conhecimento em relação ao jornalismo/notícias.

4 ABORDAGENS ANALÍTICAS: ABRINDO POSSIBILIDADES PARA A CRÍTICA DE MÍDIA ACADÊMICO-CIENTÍFICA

Com o intuito de refletir acerca dos resultados do projeto, tanto no que diz respeito à elaboração deste relato de experiência, quanto em produções acadêmicas futuras, é considerável enunciar opções de abordagens possíveis para leituras acerca do material de análise. Com isso, elencamos duas principais: a Análise de Conteúdo (AC) e a Análise de Enquadramento. Ainda, enfatizamos que essas não são as únicas e definitivas possibilidades analíticas, deixando um espaço aberto para que outras possam ser incorporadas e estudadas ao longo da pesquisa face às necessidades empíricas.

Isto posto, delimitamos ambas metodologias brevemente. A começar, é possível pensar uma abordagem a partir da aplicação da metodologia de Análise de Conteúdo (AC) de Bardin (2011), que pode ser caracterizada como:

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 2011, p.42).

168

Essas condições de produção são relativas às diversas variáveis presentes na enunciação, que vão desde as psicológicas até as sociológicas, culturais e da situação e contexto de produção das mensagens. Tendo esse panorama como horizonte, uma proposta de análise dos significados, a partir de uma categorização por meio da identificação de “núcleos de sentido” (BARDIN, 2011) serve como embasamento empírico para construção de uma sistematização do material de pesquisa.

Por conta disso, quando analisamos as respostas das/os estudantes sobre o que pensam acerca do jornalismo, parece fecundo relacionar a AC de Bardin (2011) ao conceito de enquadramento. Este se refere aos quadros de sentido compartilhados socialmente em determinado contexto histórico aos quais as/os sujeitas/os recorrem para significar o mundo (SILVA; FRANÇA, 2017). Desta forma, quando analisamos as respostas das/os estudantes no questionário sobre a pergunta “Em sua opinião, o que é jor-

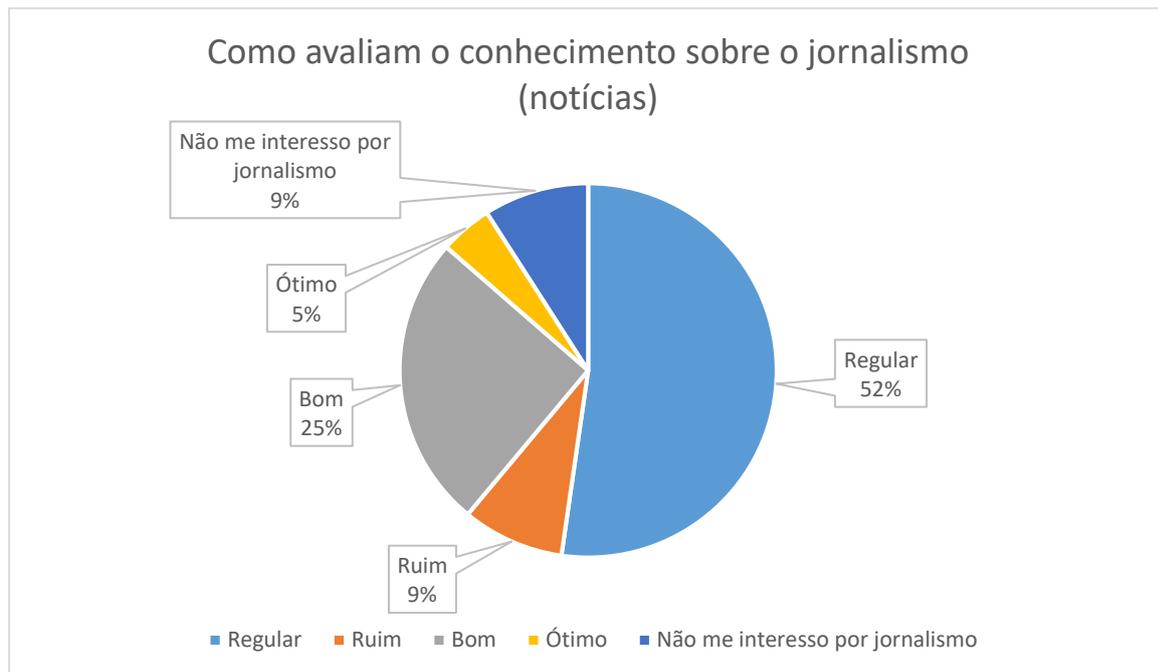
nalismo?” (a qual será articulada e explicada posteriormente), a identificação e a classificação dos “núcleos de sentido” nos possibilitam compreender o enquadramento selecionado pelas/os alunas/os para significar este fenômeno social. Ainda, na sistematização das intervenções orais é possível realizar leitura semelhante.

Análises como estas, além de nos indicarem caminhos pelos quais o jornalismo vem sendo significado socialmente, estimulam a reflexão sobre as motivações sociológicas destas significações, bem como o papel que ele exerce na sociedade contemporânea brasileira. A partir destas reflexões, podemos embasar o processo de análise dos materiais resultantes das rodas de conversa, os quais foram os questionários diagnóstico e avaliativo e as intervenções orais em sala de aula.

4.1 ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS

De modo a realizar uma leitura sobre as turmas que estão participando do projeto, propomos a elaboração de uma espécie de perfil acerca das/os estudantes que estão sendo assistidas/os pelos encontros. Por intermédio desse perfil, percebemos que das sete escolas de educação básica participantes desde o segundo semestre de 2017, foram contempladas/os 330 estudantes de segundos e terceiros anos do ensino médio. Os dados iniciais mais relevantes identificados a partir do questionário diagnóstico foram os seguintes:

GRÁFICO 1 – CONHECIMENTO SOBRE JORNALISMO

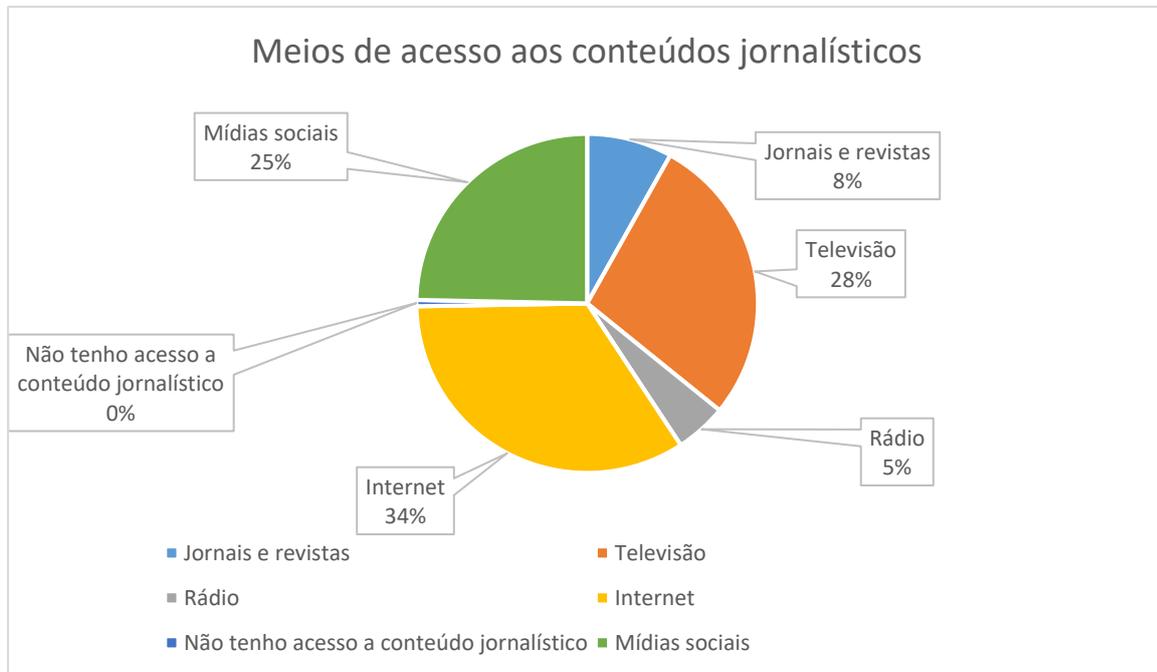


Fonte: AUTORAS (2019).

A partir dos dados percebemos que mais da metade (52,25%) das/os alunas/os consideram seus conhecimentos acerca do jornalismo como “regular”. Este dado é seguido pela classificação como “bom” (25,42%), a qual representa $\frac{1}{4}$ das/os respondentes. Além disso, é interessante perceber o percentual (9,03%) que afirma não se interessar por jornalismo. Esta porcentagem é maior que a das/os que consideram seu conhecimento “ótimo” (4,51%) ou “ruim” (8,75%). Isso pode representar um dado empírico importante, já que demonstra que uma parcela significativa não manifesta interesse em consumir notícias. Uma qualificação desse percentual poderia trazer discussões relevantes, a qual dialogaria com outras pesquisas em andamento. Um exemplo seria o estudo realizado na Alemanha (DONSBACH, 2013), em que foi observado que apenas dois entre três germânicas/os tinham conhecimento sobre o que estava acontecendo de mais importante nas notícias do dia anterior. Ainda, quanto mais jovens, menos interessadas/os: apenas 24% das/os adolescentes entre 14 e 17 anos estavam cientes das principais notícias no momento atual. Isso demonstra uma abundante falta de interesse por parte das/os jovens na sociedade alemã. Uma questão a ser colocada e problematizada a partir da qualificação deste estudo com estudantes brasileiras/os, salvaguardando as devidas proporções e sem pretensão de ser universalista, seria uma

tentativa de compreender por que motivo esse desinteresse ocorre, e se talvez esse cenário seria extensivo a diversos países que, inclusive, compartilham de contextos e culturas gerais e informativas diversas.

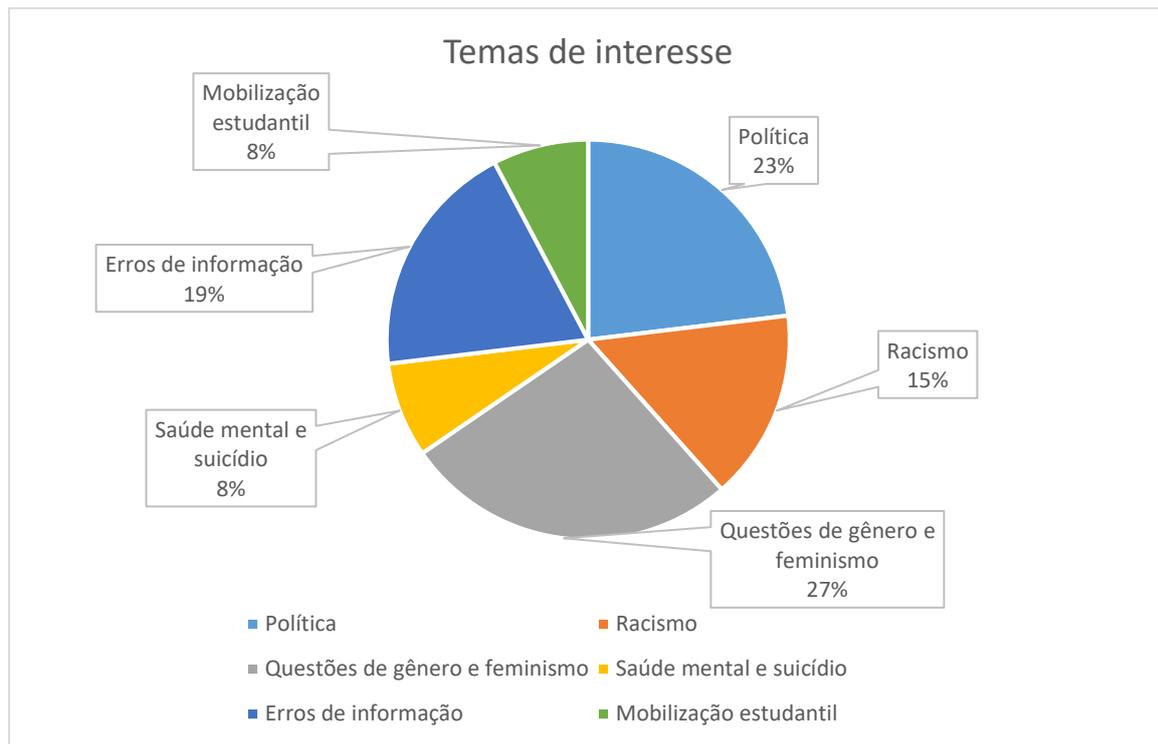
GRÁFICO 2 – MEIOS DE ACESSO



Fonte: AUTORAS (2019).

Sobre o meio de acesso aos conteúdos jornalísticos percebemos uma predominância do meio online, somando os percentuais da internet (33,97%) e mídias sociais (24,67%). Em segundo lugar vem a televisão (27,77%), seguido de jornais e revistas (8,10%) e rádio (4,89%). Ao compararmos essas porcentagens com a Pesquisa Brasileira de Mídia (SECOM, 2016) sobre hábitos de consumo midiático pela população brasileira, percebemos que há uma alteração principalmente entre o primeiro e o segundo lugar. No estudo, a televisão permanece em primeiro com 89% somando primeiras e segundas menções. Já a internet ocupa a estatística de 49%. Algo a ser considerado seria o cruzamento de dados etários para composição do comparativo. Como estamos realizando o questionamento a jovens com idade entre 15 e 20 anos, os quais já nasceram e cresceram em uma sociedade informatizada, há uma possível mudança de hábitos que pode ter relação direta com essa característica.

GRÁFICO 3 – TEMAS DE INTERESSE



Fonte: AUTORAS (2019).

Acerca dos temas de interesse a serem tratados e discutidos pelo projeto, houve uma diversidade nas temáticas sugeridas. Porém, quando elencadas, percebemos que há uma predominância no assunto de gênero e feminismo (25%), representando $\frac{1}{4}$ das solicitações. Seguem as temáticas mais sugeridas como política (21,43%), erros de informação (17,86%), racismo (14,29%), mobilização estudantil (7,14%) e saúde mental/suicídio (7,14%). Os elencados podem ser vistos sob a ótica de assuntos que estão diretamente relacionados a problemas sociais. Esses dados indicam uma maior preocupação política com assuntos de âmbito público que vêm sendo discutidos amplamente na atualidade. O último tema, especialmente, com evolução dos padrões de adoecimento mental e físico entre adolescentes (LOPES et al., 2016), o Estudo de Riscos Cardiovasculares em Adolescentes (Erica) demonstrou que 30% da população entre 12 e 17 anos sofrem de transtornos mentais comuns. Ou seja, é possível inferir que há uma preocupação por parte das/os alunas/os em trazer à luz discussões latentes que incidem diretamente sobre a vida delas/es, inclusive podendo ser percebido também por meio da taxa de pedidos relacionado à política (21,43%) e mobilização estudantil (7,14%).

Ainda, percebemos que o interesse pelo assunto da cobertura jornalística também se fez presente para possível discussão com o pedido sobre erros de informação jornalística. A partir disso foram elaboradas rodas de conversa em função da produção e das imputações que um erro pode causar, bem como abordando uma perspectiva sobre o fenômeno da desinformação. Com essa solicitação consideravelmente abundante (17,86%), podemos conceber que esse assunto demandou interesse por parte das/os respondentes. A qualificação dessa informação seria contributiva, já que teria a possibilidade de possivelmente depreender se há de fato uma preocupação com a produção jornalística ou uma falta de confiança causada por um processo que tende a levar ao descrédito a mídia jornalística.

Já sobre a pergunta aberta “Em sua opinião, o que é jornalismo?”, em uma pesquisa preliminar exploratória de AC foram percebidos alguns “núcleos de sentido” nas respostas. Assim, as classificações categorizadas sobre o jornalismo se configuram predominantemente positivas e como: a) meio de coleta, distribuição e recepção de informações e b) atividade relevante para a sociedade. Contraditoriamente, nas intervenções orais identificamos unanimidade de falas no sentido de uma compreensão da mídia jornalística como manipuladora, corrupta, falsa, etc. Por essa incongruência identificada entre o que se fala oralmente e o que se escreve acerca do jornalismo, ainda que prévia, constatamos a necessidade de nos debruçarmos mais atentamente sobre essas denominações. Isso porque se faz necessário entendermos se esses posicionamentos (em especial os negativos) são advindos de uma elaboração sistemática de crítica de mídia, tal a que o projeto se propõe, ou estão embasadas em um contexto social-político atual em que há uma descredibilização acentuada da produção jornalística.

Após essas primeiras impressões que são provenientes dessa leitura preliminar que busca traçar um perfil das/os estudantes, somado aos trabalhos realizados com as turmas, ao final dos encontros do semestre é repassado um novo questionário⁸. Este tem o intuito de ser avaliativo e é composto por 14 perguntas⁹. Das principais respostas

⁸Salientamos que os questionários avaliativos das turmas de 2019.1 ainda não foram aplicados em razão de estarem em processo atual os encontros deste semestre.

⁹O questionário final intitulado “Avalie as nossas rodas de conversa” é composto de 14 perguntas, sendo 11 fechadas: como avalia o funcionamento das rodas de conversa, se gostou dos temas abordados, o

analisadas, identificamos que 91,66% das/os estudantes avaliaram o funcionamento das rodas de conversa como “muito bom” ou “bom”, 6,94% avaliam como “nem bom nem ruim” e 1,38% como “ruim”. Sobre os materiais utilizados durante os encontros, 89,18% os considerou “muito bom” ou “bom” contra 10,81% que assinalaram como “nem bom nem ruim”.

Na questão sobre como os debates foram para elas/es, 83,09% responderam como “ótimo” ou bom”, enquanto 16,90% responderam como “mais ou menos”. Acerca do sentimento durante as rodas de conversa, 38,57% disseram se sentir “estimulada/o a participar”, 2,85% “desestimulada/o”, 51,42% “curiosa/o” e 7,14% “apática/o”. A participação nos debates foi registrada com 51,38% “sim” e 48,61% “não”. Sobre a posterior conversa com amigas/os sobre os temas debatidos, 69,18% afirmaram que “sim” e “às vezes” e 30,31% que “não”. As notas para o projeto, sem escala prévia determinada foram registradas de 5 a 10, sendo 72,13% acima de 9 e 27,86% abaixo de 8,5.

Esses dados demonstram uma aceitação positiva do projeto por parte das/os contempladas/os, inclusive por ser praticamente sete em cada dez alunas/os que posteriormente aos encontros conversaram sobre as temáticas abordadas com as/os amigas/os. Além disso, alguns percentuais chamam mais atenção. Um exemplo é o sentimento suscitado durante as rodas de conversa. No resultado, percebemos que este foi mais de curiosidade em detrimento de estimulada/o a falar e intervir nos encontros. Esse dado dialoga também com a real participação das/os estudantes, já que pouco mais que a metade (51,38%) diz ter participado, enquanto um alto índice (48,61%) não se manifestou. Isso demonstra a necessidade de reorganização e readaptação também do modo de planejamento das rodas de conversa, a fim de que possibilitem suscitar um ambiente mais propício para que as/os alunas/os se sintam à vontade para debater as temáticas propostas.

que achou dos materiais utilizados, como classifica os debates, como os explica em uma palavra (interessante, razoável, desinteressante ou não sei dizer), como se sentiu, se sentiu vontade de participar, se participou, se foram bem conduzidos, se conversou com amigas/os sobre as temáticas posteriormente, quais assuntos trabalhados que chamou mais a atenção; e três abertas: listar três assuntos que gostaria de incluir em possíveis novas rodas de conversa, nota avaliativa e sugestão/recado para equipe.

Também como forma de entender melhor em que pontos o projeto precisa ser melhorado ou mantido, ao fim pedimos a contribuição para recados e/ou sugestões para a equipe do projeto. Neste espaço identificamos uma série de elogios, os quais incluíam o pedido pela continuidade do projeto na turma e também sobre a importância de tratar sobre assuntos que são pouco discutidos na escola. Também afirmam, muitas vezes, que os encontros auxiliaram para o desenvolvimento do senso crítico. Algumas sugestões foram registradas, como pensar em outras formas de quebrar o silêncio, mais atividades coletivas e dinâmicas, bem como a possibilidade de trazer especialistas nos assuntos tratados. Dessa forma, mais uma vez é explícita a necessidade de readequação para maior envolvimento no projeto.

Uma maneira alternativa que melhorou a taxa de participação foi a presença de professoras/es ou coordenadoras/es da escola em questão. A partir de uma fala inicial e da participação destas/es nas rodas de conversa, as/os estudantes pareceram se sentir mais à vontade e/ou estimuladas/os a interagir. Além disso, também buscamos trazer algumas/ns especialistas em determinados assuntos. Foi o caso das rodas de conversa sobre “Erros na produção jornalística”, em que tivemos a presença do jornalista e escritor Salvador Neto, autor do livro “Na teia da mídia”. Na ocasião, o convidado relatou o caso ocorrido em Joinville/SC da família Plocharski que foi vítima de um erro de apuração que resultou em uma condenação injusta por parte da mídia.

Por meio da leitura desses questionários - tanto o diagnóstico quanto o avaliativo -, foi possível compreender melhor a aceitação ou não de determinadas atividades que estavam sendo propostas. Somente a partir da sistematização analítica destes é que se torna viável repensarmos sobre a nossa prática a fim de aperfeiçoá-la.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em meio à urgente necessidade de constituir um enfrentamento relacionado à indústria da desinformação, iniciativas como a do projeto de extensão “Educação para crítica de mídia nas escolas públicas” surgem como recurso fundamental para promover práticas de criticidade relativas ao conteúdo veiculado pela mídia.

A partir desta premissa, percebemos que a aplicação da perspectiva dialógica de Paulo Freire (2011) seria um caminho possível para elaboração e execução do projeto.

Ao abordar a crítica de mídia, foi praticável perceber as ligações possíveis entre as abordagens que estavam sendo empregadas em cada etapa do processo, tal como afirma Braga (2006): a crítica “social-popular” quando estamos em sala de aula com as/os estudantes refletindo sobre as coberturas jornalísticas, e a crítica “acadêmico-científica” quando das produções acadêmicas resultantes da sistematização analítica sobre o projeto.

Ao propor uma reflexão mais sistematizada sobre os encontros e o perfil das/os estudantes que estamos trabalhando em conjunto, a aplicação de questionários diagnósticos e avaliativos são elementos imprescindíveis que objetivam a autocrítica das/os próprias/os integrantes do projeto para consequente aprimoramento das práticas. Por meio destas ferramentas, podemos identificar possíveis falhas e pontos a serem aprimorados. Com estes também se torna viável a caracterização de dados importantes, os quais podem desvelar informações pertinentes para futuras investigações.

É o caso, por exemplo, da estatística que 9,03% das/os alunas/os afirmam não se interessar por jornalismo. Este dado se mostra relevante, visto que apenas 0,60% diz não ter acesso a conteúdo jornalístico. Isso demonstra uma escolha consciente destas/es não estarem dispostas/os a consumirem notícias. Outra questão pertinente é que a maioria delas/es se informa via internet e mídias sociais (58,64%). Este percentual vai de encontro aos dados gerais da população brasileira, o que pode ser relacionado à questão da faixa etária das/os respondentes. Em meio a essas porcentagens, percebemos a necessidade de qualificação das perguntas do questionário diagnóstico. Buscar entender o porquê da falta de interesse em jornalismo, quais os veículos que elas/es costumam ler, qual a frequência ou se leem somente manchetes, são algumas indagações que poderiam auxiliar para uma maior ponderação acerca dos dados referentes às turmas que estão participando do projeto.

Além disso, percebemos que nossa proposta pedagógica, a qual visa à estimulação do diálogo, tem baixa aceitação: somente 38,56% se sentem estimulada/o a participar e pouco mais que a metade (51,38%) efetivamente o fazem. Uma questão estrutural que dificulta executar outras iniciativas dialógicas é a quantidade de horas/aulas que foi possível negociar com a Coordenadoria e as direções das escolas: apenas 8h/aulas por semestre, totalizando 2h/aula mensalmente. Ainda assim, é interessante

pensar que o projeto estimula o diálogo sobre as temáticas fora da sala de aula, já que 69,18% afirmam ter debatido posteriormente com amigas/os sobre os temas. Também, o dado de quase metade das/os estudantes sentirem curiosidade (51,42%) é pertinente para pensarmos que este é um elemento essencial para a formação do pensamento crítico.

Frente a essa sistematização preliminar dos dados referentes à leitura dos questionários, elencamos algumas considerações mais propositivas: aceitação positiva do projeto, inclusive com pedidos de continuidade nas turmas e observações relativas à importância de tratamento de assuntos pouco discutidos em sala de aula (por exemplo, o caso de saúde mental e suicídio, que muitas vezes é um tema negligenciado pela sociedade e que entrou para o *ranking* de assuntos mais pedidos); necessidade de rearticulação dos questionários, de forma a qualificar as perguntas para buscar uma melhor compreensão do perfil das/os estudantes; imprescindibilidade de entendimento relativo à incongruência de respostas em referência “ao que é jornalismo”, visto que divergem as afirmações no questionário e nas intervenções orais durante os encontros; reavaliação e readequação de formas de estímulo à participação das/os alunas/os, refletindo sobre maneiras mais dinâmicas; aperfeiçoamento do primeiro encontro, buscando a proposta inicial de combate às notícias falsas com uma espécie de oficina de checagem de fatos para posterior utilização das ferramentas mobilizadas nas próximas rodas de conversa.

Por fim, entendemos que a continuidade deste projeto de extensão se mostra essencial para capacitação de leitoras/es da mídia jornalística frente ao fenômeno da desinformação e do contexto social-político atual de crise de credibilidade do jornalismo tradicional. A breve explanação neste relato de experiência permite compartilhar e avaliarmos nossa prática, no sentido de poder lapidá-la para que possamos aprimorar a metodologia de ensino adotada nos encontros. Os dados são bastante elucidativos e viabilizam possibilidades de estudos e pesquisas futuras.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BRAGA, José Luiz. **A sociedade enfrenta sua mídia**: dispositivos sociais de crítica midiática. São Paulo: Paulus, 2006.
- DONSBACH, Wolfgang. *Journalism as the new knowledge profession and consequences for journalism education*. *Journalism*, California, v.15, n. 6, p. 661–677, 2013.
- ESTEVÃO, Flávia Gonçalves; FARIAS, Lídia. Conexão e “Pós-verdade”: propagabilidade da desinformação? In: XLI CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 41, 2018, Joinville. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2018.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide**: para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre: Tchê, 1987.
- GOMES, Wilson; MAIA, Rousiley. **Comunicação e democracia: problemas e perspectiva**. São Paulo: Paulus, 2008.
- LIMA, Venício. **Comunicação e cultura**: as ideias de Paulo Freire. Brasília: Editora UnB, 2011.
- LOPES, Claudia et al. ERICA: prevalência de transtornos mentais comuns em adolescentes brasileiros. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 50, supl.1, p. 1-9, fev. 2016.
- MARQUES DE MELO, José. **Para uma leitura crítica da comunicação**. São Paulo: Paulinas, 1985.
- SECOM – Secretaria de Comunicação da Presidência da República. **Pesquisa Brasileira de Mídia 2016**. Brasília, 2016.
- SILVA, Gislene; SOARES, Rosana de Lima. Para pensar a crítica de mídia. **Famecos**, Porto Alegre, v. 20, n. 3, , p. 820-839, set/dez 2013.
- SILVA, Terezinha; FRANÇA, Vera. Jornalismo, noticiabilidade e valores sociais. **E-Compós**, Brasília, v. 20, n. 3, p. 1-21, set/dez 2017.

VIZEU, Alfredo; ROCHA, Heitor; MESQUITA, Giovana. O Cidadão como Co-Produtor da Notícia: Novos Desafios ao Jornalismo. In: XXXIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 33, 2010, Caxias do Sul. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2010.